



Para Gustavo







UM

“Aquele que buscar seu verdadeiro rosto,
que se tranquilize, ele o encontrará,
convulso de inquietações, com os olhos
esbugalhados. Aquele que quer ter vivido,
enquanto vivia, que se tranquilize,
a vida lhe dirá como.”

Samuel Beckett, *O Inominável*



Ontem eu vi uma menina vestida de branco no portão do cemitério. Ela me disse que... Não, eu não posso contar, é segredo.





Seu nome

ele morreu hoje, às quatro da manhã. Não se sabia direito o que tinha ou pelo menos ninguém sério foi capaz de dizer. Não nos víamos há tanto tempo. Aqueles desentendimentos estúpidos, orgulho, montes de lixo. E agora" Agora isso. Que estivesse deprimido, nenhuma novidade, só que você não imagina que uma coisa assim mate alguém, imagina" Mas o fato é... Esse tipo de tragédia faz a gente repensar a vida. Ariana estava lá, coitada. Avisou hoje cedo. Esperei antes de telefonar porque vi que você dormiu tarde, achei melhor... Notícias assim a gente adia o quanto pode. Espero ter feito bem. Parece que nos últimos dias ele já nem saía da cama. Ariana disse que gemia como um desses gatinhos abandonados que a gente ouve no meio da noite. "Um gatinho", ela falou... Estranho. Logo minha irmã, que sempre detestou gatos. Parece que, quando se foi, ele olhava pra fora, por uma janela do quarto. Um pouco antes de... Um pouco an-



tes, fez um sinal pra que Ariana afastasse as cortinas, como se soubesse. Não dormia mais. Aliás, ele sempre teve isso de insônia, lembra" E, de repente, se perder de tudo olhando por uma janela... Juro que nunca consegui entender o Leonardo... Você está me ouvindo" Nunca senti minha irmã tão triste. Agora é deixar o tempo passar... O velório vai começar às seis, na Capelinha do Perpetuo Coração. Te apanho às cinco. Te amo.

Ela não podia mais se mover. O derramamento tinha começado. A primeira gota da hemorragia caiu no fim daquela primeira frase

Querida, tenho uma notícia ruim, é sobre o Leonardo...

e o vão foi-se rasgando vertiginosamente na lâmina de cada palavra que veio em seguida. E ela se derramava como nunca antes. Como nunca antes, logo ela, toda feita de pequenos derrames, pequenos cortes, tantos, mas jamais profundos o suficiente para que tudo aquilo se acabasse. E enquanto Klaus completava a sentença, com a naturalidade perturbadora de um âncora do noticiário das oito, ela sabia: a morte já estava ali, fazendo sua ronda, muito antes. Dentro dela. Dentro de Leonardo.

E depois" Depois o discurso sobre... Sobre nada, sobre gatos e insônia. Porque Klaus era um homem de longos discursos. Para ele parecia realmente natural falar sobre gatos e insônia logo após anunciar a morte do



cunhado, o amigo de infância da esposa, e ainda encaixar um desconjuntado te amo antes de encerrar o assunto.

Quanto a ela, apenas permaneceu imóvel, como se esperasse o desmentido, como se o sinalzinho insistente da linha fosse logo se transfigurar numa notícia boa, num riso de Leonardo, sim, logo viria um riso de Leon e aquele vão imenso fecharia, feito um movimento de trás para a frente.

Retumbavam pelas paredes recém-pintadas do quarto (escolha sua, a cor de pêssego nas paredes) as palavras gatinho, órfão, insônia e alívio. Ela, em sua dor comprometida, confusa, acrescentou culpa. Estaria, enfim, se esvaziando inteira"

À noite, decidiu (muito satisfeita consigo) que comemoraria o Dia Nacional do Funcionário Público deixando-se a manhã toda na cama. Já passava das nove quando o telefone tocou, e ela, que ficara acordada até tão tarde, dormia ainda a salvo das culpas. O reservatório das culpas permanecia represado, provisoriamente silencioso. Era um lago tranquilo — tranquilo na superfície, mas no fundo um ocultador de carcaças.

E só então percebeu, o que lhe doeu feito um abscesso em que se enfia a ponta do dedo, bem no centro do peito, dentro, doeu-lhe saber que às quatro da madrugada, enquanto Leon morria, ela, aquecida em sua cama, serenamente resolvia as palavras cruzadas deixadas para trás por Klaus. Obtinha um prazer indefinível, o único daqueles dias, ao preencher suas lacunas. Pois dali de seu lugar, seu precioso lugar, não pressentira coisa nenhuma. Aliás, sentia-se confortável, experimentava



algo que, na falta de uma definição melhor, chamava sossego (e não era mais que uma flutuação sem rumo, o ocaso indolente de suas antigas fervuras).

Há muito não falava em felicidade nem em plenitude, longe disso, mas com frequência, quando perguntavam sobre seu estado, dizia-se sossegada. E aquele sossego não fora sequer arranhado por um pressentimento, um aperto no peito ou um calafrio, um perfume de flor, qualquer sinal que lhe indicasse que ainda estava ligada a Leon, sobretudo numa hora tão definitiva.

A notícia chegou-lhe assim, partida em pedaços: o primeiro para Ariana, o segundo para Klaus, e só então para ela. A ela cabia o depois do depois, a migalha rançosa e a certeza de que não havia mais nada por que esperar. Pois essa mulher que quisera tanto, a vida toda, ter certezas, abriria mão daquela, se pudesse, só para prosseguir em sua espera.

Quadro a quadro, a imobilidade foi cedendo, de modo a lhe permitir ao menos soltar o aparelho telefônico, embora esse gesto não indicasse que algum impulso significativo reanimava seu corpo depois do choque — talvez o contrário, talvez aquilo que os médicos chamam de melhora da morte. Talvez também estivesse de partida (e essa ideia, de certa forma, a consolou). Então olhou para as próprias mãos, como se despedindo — unhas malfeitas, cicatrizes antigas, palmas úmidas e marcadas. As linhas pareceram-lhe talhos breves e sem direção. Todas frouxas e imprecisas. Todas, exceto aquela da vida que, assustadoramente longa, persistente, negava-lhe a esperança de que pudesse juntar-se a Leon.





De um lado, uma fagulha delirante e consoladora: juntar-se a ele. De outro, a razão lhe exigindo que reagisse e chorasse como qualquer viúva faria, ordenando que quebrasse aquelas quinquilharias que comprava o tempo todo para preencher as estantes, rasgasse os lençóis caros com que encobria noite após noite seu desânimo, sua vergonhosa renúncia.

Se ela pudesse, mergulharia numa piscina morna, infestada por baratas-d'água, líquens, lesmas, para experimentar terror, desespero, não culpa ou vazio. Contudo, como há anos e anos, toda vez que lhe chegavam notícias de Leonardo, nenhum outro sentimento superava aquela culpa e aquele vazio.

(e se acendesse um cigarro" talvez tenha sobrado um maço no fundo de alguma gaveta... este apartamento tem tantas gavetas, mais gavetas do que portas e janelas... mas precisaria me mover, seria necessário um movimento, uma ação concreta em troca de um cigarro... não! parei, venci o vício... vou continuar... parada... isso! ficarei aqui imóvel... imóvel até passar...)

Sempre a mesma desolação covarde a balbuciar as mesmas queixas: *Oh, seria tudo tão diferente se tudo tivesse sido diferente.* Pois ela só seria diferente se fosse outra, e até então só soubera, muitas vezes e de muitas formas, fingir ser ela mesma. Aliviada, contudo, antes conseguia se perder com facilidade (de fato com facilidade, precisava admitir) nos discursos de Klaus, que era



quem, e isso tinha lá seu lado cômico, mais lhe trazia notícias dele — seu gatinho Leon — e o vazio cicatriza-va molemente, tranquilamente revestido da irritação silenciada pelo afeto que Klaus, todo generosidade, lhe oferecia. Assim, tornava-se cômodo perder-se de novo. Perder Leon de novo.

Se pudesse mergulhar até o fundo do seu horror.

Uma vez, quando tinha nove anos, por pouco não se afogou na piscina deserta do clube de Sertãozinho. Era quase noite e, não encontrando ninguém na recepção, passou pela roleta mesmo com o exame vencido, triunfante — sem ducha nem nada, frieiras sem conta entre cada um dos dedos encardidos. Mergulhou-os todos, dedos e frieiras, na água morna: piscina térmica, uma novidade na cidadezinha, um luxo todo para ela — exclusivo. Para si esperava, sobretudo, a exclusividade. Todo o resto, aquilo que irremediavelmente tinha de vir como para os demais, apenas aceitava, sem qualquer gratidão aceitava uma vida comum enquanto não lhe chegasse A Sua. E enquanto não chegava, em segredo, podia transviar, jogar-se contaminada na piscina vazia, emporcalhar a ordem alheia sem mácula de pudor ou culpa.

Marchou, claro, até a parte funda: lá onde nunca podia ir sozinha. Primeiro entrou na água de mansinho, sentindo um prazer também vagaroso, depois submergiu apressada, como se estivesse prestes a ser pega pela recepcionista ou pela quadrilha de mafiosos-traficantes-de-órgãos-defloradores que de vez em quando a perseguia, porque, afinal de contas, ela sabia demais — sempre





soubera demais (se não soubesse tanto podia juntar-se às outras crianças e brincar de se esconder pelo quarteirão).

Deixou-se cair até tocar o piso, extasiada com o tanto de água que ficava para trás, e saiu em busca dos tesouros perdidos pelos banhistas daquela temporada, arraias douradas, baleias brancas, cardumes, corais.

Alguns metros adiante, no entanto, tudo o que avistou foram três ou quatro pequenos borrões escuros vindo em sua direção. À medida que chegavam mais perto, pôde lhes distinguir as perninhas e as antenas nervosas, até ter certeza de que... *Baratas-d'água! Velhas conhecidas do livro de ciências que mordiam e inoculavam um veneno paralisante para devorarem suas presas ainda com vida. No desespero que a tomou, esvaiu-se todo seu fôlego: seria devorada viva por uma legião faminta de baratas-d'água! flagrada pela recepcionista! posta de castigo!*

(seria o trágico fim da heroína Penélope Sestrosa, a princesa de Shangri-lá!)

Só não se afogou porque a tia a socorreu antes, mas ficou tão cheia de água e cloro e pavor que por dias e dias não houve espaço para mais nada.

Justo o estado que desejava agora: tão cheia de medo, tão a perigo, que nada que lhe fosse tirado provocasse a mais remota sensação de vazio. Mas, com o passar do tempo, havia aprendido a respeitar o estatuto (ou a fazer crerem que o respeitava) e, sobretudo, a evitar o fundo.



A princípio, não chorou a morte de Leon. Nenhum choro que pudesse ser medido por medidas conhecidas. O lençol permaneceu inteiro sobre a cama, assim como ela, aparentemente controlada e insensível até o final da manhã. Aparentemente olhando para o lustre azul, apenas — dezenas de borrões escuros imóveis dentro do lustre.

(a faxineira nunca limpa o lustre")

A imobilidade não lhe assustava agora, o que lhe afligia era o movimento das coisas vindo em sua direção, o choque frontal, o enfrentamento.

Fixava ora o lustre, ora um feixe de luz que escapava pela cortina e se projetava incômodo bem no centro do seu olho esquerdo, depois no direito, depois no travesseiro, depois... Sabia assim que o tempo avançava. O planeta se movia com pontualidade irrepreensível enquanto ela ali, em aparente calma, definhava. Somente quando a tal claridade esmoreceu, somente então se lembrou de quem era, de que fonte obscura brotaram aquelas outras dos porta-retratos ao redor (cor de pêssigo também nas molduras) — réplicas perfeitas de uma matriz imperfeita —, de todo o tempo perdido, sim, perdido e irrecuperável, e a boca se moveu outra vez com sofreguidão, repetindo até cansar, a saliva engrossar e sentir sede: Júlia Capovilla, não Leon, não Klaus, não Ariana, Júlia Capovilla, Júlia Capovilla, Júlia Capovilla...
Seu nome.